

## **VIOLÊNCIA E BULLYING NA ESCOLA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO NO 5º ANO DE ESCOLARIDADE**

**Filipa Espinheira**

Mestranda

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UFP

[filipa.espinheira@gmail.com](mailto:filipa.espinheira@gmail.com)

**Glória Jóluskin**

Professora Auxiliar

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UFP

[gloria@ufp.edu.pt](mailto:gloria@ufp.edu.pt)

**COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO:** ESPINHEIRA, Filipa ; JÓLLUSKIN, Glória - Violência e bullying na escola : um estudo exploratório no 5º ano de escolaridade. **Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais**. Porto : Edições Universidade Fernando Pessoa. ISSN 1646-0502. 6 (2009) 106-115.

**RESUMO**

O presente estudo pretende descrever e analisar a prevalência das práticas agressivas e *bullying* em contexto escolar, utilizando uma amostra de 120 estudantes do 5º ano de escolaridade. Através do questionário de Olweus, adaptado por Pereira (2002), encontramos uma elevada percentagem de alunos que já foi vítima de práticas agressivas ou *bullying* (44,7%). Além disso, os nossos resultados são consistentes com os encontrados por outros autores sobre as diferenças entre rapazes e raparigas. Assim, o género masculino é aquele que apresenta mais vítimas (71,2%) e, simultaneamente, mais agressores (77,6%). Finalmente, descrevemos outras variáveis relacionadas com este fenómeno, como a frequência e a forma das agressões.

**PALAVRAS-CHAVE**

Violência; *Bullying*; Comportamento agressivo; Vitimação.

**ABSTRACT**

This study aims to examine and describe the prevalence of aggressive practices and bullying in school. We used the Olweus's questionnaire (2005), adapted by Pereira (2002), and we found a high percentage of students who have been victims of bullying or aggressive practices (44, 7%). Our results are consistent with those founded by other authors on the differences between boys and girls. Thus, boys are more often victimized (71,2%), as well as aggressors (77,6%). Finally, we describe other variables related to this phenomenon, such as frequency and type of aggression.

**KEYWORDS**

Violence; *Bullying*; Aggressive Behaviour; Victimization.

## 1. INTRODUÇÃO

Muito embora não seja um fenómeno novo, nos últimos anos a violência nas escolas tornou-se num tópico de investigação com projecção mediática, na sequência de actos de violência realizados por crianças e adolescentes (Almeida e Barrio, 2003). A violência escolar tem vindo a ser caracterizada por diferentes autores como um fenómeno multifacetado, abrangendo uma variedade de manifestações (Costa e Vale, 1998). Assim, este conceito abrange fenómenos como o vandalismo, os distúrbios de comportamento, os comportamentos de oposição, a perturbação da atenção com hiperactividade, o comportamento delinquente, o défice de competências, os factores desenvolvimentais ou o *bullying* (Costa, 2001).

A agressividade na escola está frequentemente ligada à intimidação, aos maus tratos, à rejeição ou aos abusos de uma criança sobre outra (Sánchez Santa-Bárbara, 2005). Alguns dos comportamentos agressivos que se produzem entre os alunos são comportamentos de *bullying*. Não existe, na língua portuguesa, um conceito que traduza de um modo fidedigno, a palavra inglesa *bullying*, embora possamos encontrar algumas aproximações semânticas nos termos violência, agressividade, abuso, intimidação e vitimação (Ferreira e Pereira, 2001). O termo *Bullying* surgiu em 1973, através dos estudos de Olweus e cols., para se referir a qualquer tipo de comportamento de agressão entre crianças, em que um ou vários indivíduos abusa intencionalmente da sua situação de superioridade sobre a vítima (Ramírez, 2001; Martínez, 2002; Ferreira e Pereira, 2001). Por outras palavras, *bullying* seria um comportamento agressivo que tem como objectivo causar mal repetidamente, ao longo do tempo e que ocorre numa relação desigual de poder e força, seja este comportamento exercido por um indivíduo ou por um grupo (Pereira, 2002). Apesar do *bullying* ser um problema complexo (Newman-Carlson & Home, 2004) e de não haver consenso sobre os comportamentos abrangidos (Carvalhosa, Lima, e Matos, 2002), poderíamos defini-lo como um abuso sistemático de poder e compreendê-lo de um modo globalizante, integrando as características psicológicas do agressor e as formas diversas que a agressão poderá assumir (Smith e Sharp, 1994). Interessa salientar que não podemos considerar *bullying* uma situação de luta ou discussão entre duas crianças de forças iguais. Desta forma, não serão consideradas práticas de *bullying* as brincadeiras com envolvimento físico, assim como outras formas de comportamento agressivo, como actividades de grande expansividade, mas sem a intencionalidade de causar danos (Pereira, 2002).

O *bullying* pode assumir diferentes formas. Pode ser realizado por meios físicos, como por exemplo, bater ou empurrar. Também pode assumir formas verbais e psicológicas, tais como ameaçar, chamar nomes, chantagear, contar segredos ou levantar rumores (Lyznicki, McCaffree e Robinowitz, 2004) ou, inclusivamente, pode adoptar outras formas, como a exclusão do grupo de pares (Martínez, 2002), ou o *cyberbullying*, o abuso através de meios electrónicos e novas tecnologias da comunicação (Li, 2006).

Assim sendo, para identificarmos um comportamento como *bullying* é necessário a presença de três factores. Em primeiro lugar, o mal causado a outrem não resulta de uma provocação. Além disso, as intimidações e a vitimação não são ocasionais. Finalmente, os agressores são mais fortes fisicamente e têm um perfil violento e ameaçador, dificultando às vítimas a possibilidade de se defenderem ou pedirem auxílio (Pereira, 2002).

Relativamente à prevalência do *bullying*, estima-se que este fenómeno afecta entre 7% e 35% das crianças e adolescentes na Europa, EUA, Canadá, Austrália e Japão (Smith *et al.*,

1999), muito embora a definição do fenómeno e as medidas usadas nas investigações variem entre si (Espelage e Swearer, 2003; Martinez, 2002). No que diz respeito ao género, os estudos apontam para o facto dos rapazes participarem mais, tanto no papel de agressores como no de vítimas. No entanto, este facto pode dever-se a uma sobrerepresentação dos rapazes entre os agressores e a uma subrepresentação da população feminina, uma vez que durante vários anos estes estudos apenas se limitavam à população masculina (Leschied *et al.*, 2001). Assim, alguns autores afirmam que, embora o comportamento agressivo seja mais frequente em rapazes, as raparigas têm as mesmas possibilidades de ser vítimas (Sánchez Santa-Bárbara, 2005).

Entre as formas mais habituais de agressão destacam-se a agressão verbal e a agressão física directa (Craig, 1998). As raparigas, em especial, preferem as agressões indirectas, de carácter verbal ou social, como por exemplo falar mal de outro, ou excluí-lo do grupo (Veenstra, 2005), sendo também mais frequentemente vítimas deste tipo de agressões.

As crianças têm mais possibilidade de se envolverem em condutas agressivas quando não há supervisão dos professores (Sisto, 2005). Neste sentido, Pereira (2005) considera que os recreios são os espaços escolares onde ocorre mais usualmente o comportamento *bullying*, seguindo-se as salas de aula e os corredores. Também factores ambientais como as atitudes, comportamentos e as rotinas dos adultos, em particular dos professores, contribuem para a extensão do *bullying* e dos comportamentos agressivos (Olweus, 2003).

A agressividade na escola é um problema que pode afectar seriamente a habilidade das crianças progredirem a nível académico e social (Ferreira e Pereira, 2001). Contudo, devemos salientar que os seus efeitos não se limitam ao período escolar, tendo por vezes consequências na vida futura, especialmente para aqueles que são vitimados por um longo período de tempo (Smith *et al.*, 2004).

## 2. VIOLÊNCIA E BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR PORTUGUÊS

Em Portugal, os estudos sobre o *bullying* nos meios escolares não são, ainda, suficientemente amplos para podermos tirar conclusões de âmbito nacional e poder, assim, traçar um perfil adequado das situações de agressão/vitimação, tendo em conta a diversidade sociocultural e algumas diferenças comportamentais. Por outro lado, a multiplicidade de critérios implicados na definição do *bullying* e a diversidade de instrumentos utilizados na avaliação tornam imprecisa a análise comparativa da extensão do fenómeno (Formosinho e Simões, 2001).

Contudo, Carvalhosa, Lima e Matos (2002), num estudo realizado com 6903 indivíduos, verificaram que 21% dos jovens foram vitimados no mínimo uma vez, e 10% provocaram outros. Este estudo foi ao encontro de estudos realizados no estrangeiro no que diz respeito à diferença de sexos, idade e escolaridade, revelando assim um maior envolvimento dos rapazes em comportamentos de provocação, vitimação e duplo envolvimento, isto é simultaneamente como provocadores e vítimas. Os alunos mais novos são com mais frequência vítimas, no entanto a frequência com que são ameaçados diminui à medida que aumenta a idade. Também se confirmam as características dos provocadores e das vítimas. Desta forma os provocadores caracterizam-se por um afastamento em relação à família e à escola, um bom relacionamento com os pares e o consumo de substâncias. Pela sua parte,

as vítimas manifestam um afastamento em relação à escola, problemas no relacionamento com os pares, assim como a exibição de determinados sintomas físicos e psicológicos, como a depressão.

Pereira et al. (2004) realizaram outro estudo com 4092 crianças das cidades de Braga e Lisboa, com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos (2º ciclo). Os resultados revelaram que 21,6% dessas crianças foram agredidas uma vez ou mais durante o primeiro período lectivo. Os agressores eram na sua maioria rapazes. As agressões verificaram-se sobretudo nos recreios, seguindo-se os corredores e as salas de aula. No que diz respeito à agressão a outros colegas a percentagem encontrada situa-se nos 15,4%. Este estudo concluiu ainda que as práticas de agressão/vitimação consistem, principalmente, em “insultar, chamar nomes”, “dizer mal dos outros”, “dano físico” e “tirar coisas aos colegas”.

Ante este panorama, realizámos um estudo, de carácter exploratório, com o objectivo de descrever a prevalência dos comportamentos agressivos e práticas *bullying* no contexto escolar. Além disto, pretendemos estudar o fenómeno do *bullying* através de variáveis como o sexo, o número de agressões sofridas, o tipo da agressão, o sexo do agressor, e, finalmente, o número de agressores. Com o objectivo de poder comparar os nossos resultados com os obtidos por Pereira et al. (2004), utilizámos o mesmo instrumento de avaliação, assim como uma amostra de idade semelhante.

### 3. MÉTODO

#### 3.1. PARTICIPANTES

Para a realização deste estudo, utilizamos uma amostra de 120 estudantes do 5º ano de escolaridade de uma escola situada no Porto, com idades compreendidas entre 10 e os 12 anos de idade ( $M=10,56$ ;  $DP=0,531$ ), sendo 67 (55,8 %) rapazes.

#### 3.2. MATERIAL E PROCEDIMENTO

Para avaliar os comportamentos agressivos e de *bullying* no contexto escolar utilizámos o questionário de Dan Olweus (1989), adaptado para a população portuguesa por Beatriz Pereira (2002). Este questionário é composto por vários blocos. O primeiro é constituído por dez questões sociodemográficas e relativas a dados pessoais e escolares. O segundo bloco é formado por onze questões relativas ao *bullying*/agressão. Inclui também questões referentes às atitudes dos pais, professores e colegas face às agressões praticadas. No que diz respeito ao terceiro bloco, este é constituído por cinco questões sobre as agressões praticadas pela própria criança no último período lectivo e na semana anterior à administração do questionário. Por sua vez, o quarto bloco está organizado em 4 questões relativas às actividades desenvolvidas no recreio e à opinião que os indivíduos têm sobre o espaço. Finalmente, o quinto bloco é constituído por duas questões sobre o relacionamento com os amigos e o grau de socialização.

A generalidade das questões contidas no questionário eram fechadas e de resposta múltipla, que os alunos optariam, assinalando com uma cruz. A cada pergunta formulada eram dadas várias respostas, das quais o inquirido apenas tinha de escolher uma e assinalá-la, enquanto noutras, claramente identificadas, os alunos podiam assinalar várias respostas.

Para completar a recolha dos dados utilizamos também um Questionário Sócio-Demográfico. Através deste questionário foram levantados dados relativos à estrutura familiar, ocupação de tempos livres e local onde passam mais tempo.

O Conselho Directivo da escola, bem como os professores a implicar directa ou indirectamente no processo, foram informados desta investigação, sendo-lhes solicitada a colaboração, no sentido de tornar possível a administração dos questionários aos alunos. A administração dos questionários foi realizada depois de solicitada aos alunos a sua participação e obtido o consentimento informado. O questionário foi realizado individualmente, nas respectivas salas de aula e em período lectivo. Os alunos foram informados da forma correcta de preencher o questionário, da razão da sua administração, do anonimato de que se revestia o mesmo, e da necessidade de serem rigorosos e verdadeiros na sua resolução. As questões foram lidas uma a uma, a fim de facilitar a sua compreensão e permitir esclarecer qualquer dúvida que, eventualmente, pudesse surgir.

#### 4. RESULTADOS

Tendo por base a opinião dos próprios alunos, através das respostas ao questionário, apurou-se que, no último período lectivo 52 alunos (44,7%) afirmaram ter sido agredidos no contexto escolar. Uma vez que o nosso interesse se centrava nas agressões sofridas pelas crianças, decidimos eliminar da nossa amostra aqueles participantes que não afirmaram ter sido vítimas de agressão. Dos 52 participantes que afirmaram ter sofrido agressões na escola, encontramos que a maioria das vítimas são do sexo masculino (71,2%).

Relativamente à frequência das agressões, os participantes indicam que estas são ocasionais. Como podemos observar no Quadro 1, a maioria dos participantes indicaram ter sido agredidos uma ou duas vezes (69,2%). Este facto seria um indicador de que, de forma geral, os indivíduos da nossa amostra, embora vítimas de comportamentos agressivos, não seriam realmente vítimas de *bullying*. Não encontramos diferenças estatisticamente significativas em relação ao número de vitimações sofridas quando comparámos o sexo masculino e o feminino ( $\chi^2_{(2, N=52)} = ,512, p=,525$ ). Por outras palavras, não podemos afirmar que um dos sexos seja victimizado com mais frequência que o outro.

| Nº de agressões sofridas |       | Sexo da vítima |           |        |
|--------------------------|-------|----------------|-----------|--------|
|                          |       | Feminino       | Masculino | Total  |
| 1 vez                    | Freq. | 9              | 26        | 35     |
|                          | %     | 17,3%          | 50,0%     | 67,3%  |
| 2 vezes ou mais          | Freq. | 6              | 11        | 17     |
|                          | %     | 11,5%          | 21,2%     | 32,7%  |
| Total                    | Freq. | 15             | 37        | 52     |
|                          | %     | 28,8%          | 71,2%     | 100,0% |

**Quadro 1** - Caracterização das vítimas em função do género e do nº de vitimações sofridas.

Seguindo a classificação de Buss (1961), podemos afirmar que a maioria das agressões cometidas foram directas (68%). Isto é, a maioria das agressões implicaram comportamentos como bater, insultar ou recusar-se a falar. Não encontramos casos de agressões indirectas,

como por exemplo: recusar-se a participar numa actividade com a vítima, ou golpear um substituto da mesma. Como podemos observar no quadro 2, este tipo de agressão produzia-se exclusivamente junto com a agressão directa. Muito embora as agressões directas pareçam ser mais frequentes no caso dos rapazes do que nas raparigas, não encontramos diferenças estatisticamente significativas entre sexos ( $\chi^2_{(1, N=52)} = 0,018, p=0,572$ ).

| Tipo de agressão             |       | Sexo da vítima |           |        |
|------------------------------|-------|----------------|-----------|--------|
|                              |       | Feminino       | Masculino | Total  |
| Agressão directa             | Freq. | 10             | 24        | 34     |
|                              | %     | 20%            | 48%       | 68%    |
| Agressão directa e indirecta | Freq. | 5              | 11        | 16     |
|                              | %     | 10%            | 22%       | 32%    |
| Total                        | Freq. | 15             | 35        | 50     |
|                              | %     | 30%            | 70%       | 100,0% |

**Quadro 2** - Caracterização das vítimas em função sexo e o tipo de agressão sofrida.

Centrando-nos no sexo do agressor, tal como podemos comprovar no Quadro 3, os nossos resultados indicam que os rapazes são mais frequentemente identificados como agressores (77,6%). Estas diferenças são estatisticamente significativas entre os grupos em análise ( $\chi^2_{(2, N=50)} = 12,275, p=0,002$ ). Além disso, os comportamentos agressivos são mais elevados entre rapazes (63,3%) do que entre raparigas (6,1%). Assim, os nossos resultados vão ao encontro dos encontrados por outros autores, nomeadamente nos estudos de Olweus (2003), Pereira (2005) e Martinez, (2002). No entanto, também é de salientar que as raparigas são mais frequentemente agredidas pelos rapazes (14,3 %).

| Sexo da vítima |       | Sexo do agressor |           |       |       |
|----------------|-------|------------------|-----------|-------|-------|
|                |       | Feminino         | Masculino | Ambos | Total |
| Feminino       | Freq. | 7                | 3         | 5     | 15    |
|                | %     | 14,3%            | 6,1%      | 10,2% | 30,6% |
| Masculino      | Freq. | 31               | 1         | 2     | 34    |
|                | %     | 63,3%            | 2,0%      | 4,1%  | 69,4% |
| Total          | Freq. | 38               | 4         | 7     | 49    |
|                | %     | 77,6%            | 8,1%      | 14,3% | 100%  |

**Quadro 3** - Caracterização das vítimas em função do sexo da vítima e do agresor.

Relativamente à forma através da qual se produz a agressão, e conforme podemos observar no Quadro 4, a maioria das agressões são realizadas em grupo (59,2%), muito embora as agressões individuais também contituam uma percentagem importante, especialmente quando falamos do *bullying* directo (26,5%). Em relação às agressões indirectas, as percentagens encontradas são mais equilibradas. No entanto, não encontramos uma associação estatisticamente significativa entre ambas as variáveis ( $\chi^2_{(1, N=49)} = ,085, p=0,771$ ).

| Nº de agressores  |       | Tipo de agressão |           |        |
|-------------------|-------|------------------|-----------|--------|
|                   |       | Directa          | Indirecta | Total  |
| Um agressor       | Freq. | 13               | 7         | 20     |
|                   | %     | 26,5%            | 14,3%     | 40,8%  |
| Vários agressores | Freq. | 20               | 9         | 29     |
|                   | %     | 40,8%            | 18,4%     | 59,2%  |
| Total             | Freq. | 33               | 16        | 49     |
|                   | %     | 67,3%            | 32,7%     | 100,0% |

**Quadro 4** - Caracterização das agressões em função do tipo e número de agressores.

## 5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

De uma forma geral, os nossos resultados mostram que existe uma grande prevalência de comportamentos agressivos no contexto escolar (44,7% dos participantes afirmavam ter sido agredidos). Também verificámos que as agressões directas são as mais frequentes tanto em rapazes como em raparigas, assim como uma tendência dos agressores actuarem em grupo. Os rapazes também aparecem mais frequentemente como agressores. Estes resultados vão ao encontro de outros estudos (Martinez, 2002, Olweus, 2003; Pereira *et al.*, 2004; Pereira, 2005).

Gostaríamos de destacar algumas limitações metodológicas do nosso estudo. Uma delas relaciona-se com a elevada percentagem de ausência de resposta a algumas das perguntas do questionário, o que dificultou a verificação de alguns dos objectivos originários da nossa investigação. Outra limitação está relacionada com o tamanho da nossa amostra. Muito embora termos solicitado autorização para o levantamento de uma amostra mais alargada, esta não foi obtida antes da realização deste trabalho. Por este motivo, comparada com as amostras utilizadas nos estudos realizados nesta temática, a nossa é bastante reduzida, o que limita a generalização dos resultados, assim como a possibilidade de realizar análises estatísticas mais complexas. Desta maneira, muito embora os nossos resultados indiquem que os rapazes sejam o grupo mais vitimizado, não encontramos diferenças significativas relativamente ao sexo das vítimas. Por outras palavras, não podemos afirmar que um dos sexos seja victimizado com mais frequência que o outro.

De qualquer forma, os nossos resultados confirmam a tendência geral encontrada por outras investigações no sentido de encontrar elevada frequência de comportamentos anti-sociais no contexto escolar. Entendemos que a escola deverá consistir num meio de desenvolvimento do potencial humano, servindo como espaço de educação e socialização. Por isso, é fundamental que as crianças se sintam seguras e protegidas da repetida opressão e da intencional humilhação do *bullying*. Nesse sentido, os resultados encontrados neste estudo salientam a necessidade de intervenção baseada num projecto educativo global e que vise igualmente a mudança de mentalidade da comunidade a quem se dirige. Por outras palavras, as medidas de articulação entre a família, escola e comunidade envolvente devem ser levadas a cabo num esforço comum. Nesta linha de pensamento, Nogueira (2005) sugere a necessidade de auxílio e de orientação, tanto nas vítimas, quanto nos agressores, através de intervenções diferentes, embora complementares, para prevenir e intervir nestas situações.

No que diz respeito às sugestões para futuras investigações, gostaríamos de salientar a necessidade de desenvolver estudos que se debruçam sobre o fenómeno de violência entre

pares fora da escola. Por outro lado, será necessário também realizar um maior número de estudos para poder explicar as causas do *bullying*. Neste sentido, alguns autores apontam para a criação de um modelo incluindo uma multiplicidade de factores. Assim, as explicações para que determinados alunos agridam outros têm recaído sobretudo sobre as características de personalidade do agressor, da vítima, os factores relacionados com a família e ainda factores sociais (Yoneyama e Naito, 2003). Outros autores apontam ainda para factores relacionados com a organização da escola, os métodos de ensino e o sistema de avaliação (Olmedilla, 1998).

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, A. E BARRIO, C. (2003). A vitimização entre companheiros em contexto escolar. In Machado, C. e Gonçalves, R. A. (Coord.). *Violência e Vítimas de Crimes* (pp.169-197) (vol. 2). Coimbra, Quarteto Editores.
- CARVALHOSA, S. F., LIMA, L. E MATOS, M. G. (2002). Bullying – a provocação/vitimização entre pares no contexto escolar português. In: *Análise Psicológica*, 4, pp.571-585.
- COSTA, R. J. (2001). *Violência na escola - verdadeira ou falsa questão*. [Em linha]. Disponível em <http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=1378>. [Consultado em 2/2/2006].
- COSTA, M. E. E VALE, D. (1998). *A violência nas escolas*. Linda-a-Velha, Ministério da Educação.
- CRAIG, W. M. (1998). The relationship among bullying, victimization, depression, anxiety, and aggression in elementary school children. In: *Personality and Individual Differences*, 24, pp. 123-130.
- ESPELAGE, D. L. E SWEARER, S. M. (2003). Research on school bullying and victimization: what have we learned and where do we go from here? In: *School Psychology Review*, 32 (3), pp. 365-383.
- FERREIRA, A., E PEREIRA, B. (2001). Os materiais lúdicos nos recreios e a prevenção do bullying na escola. In B. Pereira e A. P. Pinto (Eds.), *A escola e a criança em risco: intervir para prevenir*. Porto, Asa.
- FORMOSINHO, M. D. E SIMÕES, M. C. T. (2001). O bullying na escola: prevalência, contextos e efeitos. In: *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 35 (2), pp. 65-82.
- LESCHIED, A. W., CUMMINGS, A. L., BRUNSCHOT, M. V., CUNNINGHAM, A., E SAUNDERS, A. (2001). Aggression in adolescent girls: implications for policy, prevention, and treatment. In: *Canadian Psychology*, 42 (2), pp. 200-215.
- LYZNICKI, J. M., MCCAFFREE, M. A., & ROBINOWITZ, C. B. (2004). Childhood bullying: implications for physicians. *American Family Physician*, 70 (9), pp. 1723-1728.
- LI, Q (2006). Cyberbullying in Schools. A Research of Gender Differences. In: *School Psychology International*, 27 (2), pp. 157-170.
- MARTÍNEZ, J. M. A. (2002). La intimidación y el maltrato en los centros escolares (bullying). In: *Revista Lan Osasuna*, 2, pp. 1-13.
- NEWMAN-CARLSON, D., E HORNE, A. M. (2004). Bully busters: a psychoeducational intervention for reducing bullying behaviour in middle school students. In: *Journal of Counseling and Development*, 82, pp. 259-267.
- NOGUEIRA, R. (2005). A prática de violência entre pares: o bullying nas escolas. In: *Revista Iberoamericana de Educación*, 37, pp. 93-102.
- OLMEDILLA, J. M. M. (1998). Comportamiento antisocial en los centros escolares: una visión desde Europa. In: *Revista Iberoamericana de Educación*, 18, pp. 189-204.
- OLWEUS, D. (2001). Bullying at school: tackling the problem. In: *Observer*, 225, pp. 24-26.
- OLWEUS, D. (2003). A profile of bullying. In: *Educational Leadership*, 60 (6), pp. 12-17.

- PEREIRA, B. (2002). *Para uma escola sem violência*. Porto, Fundação Calouste Gulbenkian.
- PEREIRA, B. (2005). *Recreios escolares e prevenção da violência: dos espaços às actividades*. [Em linha]. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/3966>. [Consultado em 7 de janeiro de 2008].
- PEREIRA, B., MENDOÇA, D., NETO, C., VALENTE, L. & SMITH, P. (2004). Bullying in Portuguese Schools. In: *School Psychology International*, 25 (2), pp. 241-253.
- RAMIREZ, F. C. (2001). *Condutas agressivas na idade escolar*. Amadora, McGraw-Hill.
- SÁNCHEZ SANTA-BÁRBARA, E. (2005). Aproximación psicosocial al estudio de la violencia escolar. In E. López Zafra, e M. P. Berrios Martos. *Violencia en las aulas*. (pp.29-56). Jaén, Ediciones del Lunar.
- SMITH, P. K. E SHARP, S. (1994). *School bullying. Insights and perspectives*. London, Routledge.
- SMITH, P.K., MORITA, Y., JUNGER-TAS, J., OLWEUS, D., CATALANO, R., SLEE, P.T. (1999). *The Nature of School Bullying: A Cross National Perspective*. London: Routledge.
- SMITH, P. K., TALAMELLI, L., COWIE, H., NAYLOR, P., E CHAUHAN, P. (2004). Profiles of non-victims, escaped victims, continuing victims and new victims of school bullying. In: *British Journal of Educational Psychology*, 74, pp. 565-581.
- SISTO, F. F. (2005). Aceitação - Rejeição para estudar e agressividade na escola. In: *Psicologia em Estudo*, 10 (1), pp. 117-125.
- VEENSTRA, R., LINDENBERG, S., OLDEHINKEL, A., WINTER, A. E ORMEL, J. (2005). Bullying and victimization in elementary schools: a comparison of bullies, victims, bully/victims, and uninvolved preadolescent. In: *Development Psychology* 41 (4), pp. 672-682.
- YONEYAMA, S. & NAITO, A. (2003). Problems with the paradigm: the school as a factor in understanding bullying (with special reference to Japan). In: *British Journal of Sociology of Education*, 24 (3), pp. 315-330.